

FOBIAS POR INSUFICIÊNCIA DO CONTINENTE PRIMÁRIO

WALTER TRINCA*

RESUMO

Encontramos que as perturbações da personalidade fóbica originadas na falha da relação com o continente primário têm duas constantes básicas. A primeira diz respeito ao tipo de vínculo com seus objetos, que é determinado por fusão. Havendo indeterminação nas funções do ego, o paciente encontra-se em estado de indefinição quanto ao continente e aos conteúdos de si mesmo, dificultando-lhe a distinção entre mundo interno e mundo externo. O vínculo por fusão aparentemente o protege da angústia de dissolução e morte da individualidade. A segunda constante básica é, precisamente, a angústia que decorre da ausência de objeto bom amplamente internalizado como continente de si próprio. Esta angústia responde pelo fato do indivíduo sentir-se continuamente à beira do abismo e à mercê da violência de objetos bizarros. Nestas áreas da mente, ao invés de definições, o que se encontra é indiferenciação e desorganização emocionais, comparáveis a um caótico universo primitivo submetido, ao mesmo tempo, a pressões de alta intensidade e sem quaisquer mecanismos de controle. O problema com que o analista se defronta é o de como colaborar na transformação desse universo primitivo em um universo em que as emoções são simbolizadas.

* Professor do Departamento de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

INTRODUÇÃO

Em interessante trabalho realizado no Departamento de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, o qual tivemos o prazer de, em parte, orientar, a psicóloga Maria Tereza Gimenez distingue quatro tipos de fobias escolares: a) por *ansiedade edipianas*, ligadas à ansiedade de castração, nos meninos, e de perda de amor, nas meninas, quando há impulsos sexuais dirigidos ao componente do par parental do sexo oposto e hostilidade ao componente par do mesmo sexo; b) por *ansiedades depressivas*, associadas a culpa decorrente de fantasias de ataques e destruição do objeto de afeto; c) por *ansiedades paranóides*, em que prevalecem objetos persecutórios; e d) por *ansiedades primárias*, em que há alterações profundas e generalizadas na relação com o objeto primário (vide Gimenez, 1983). Esta classificação, a nosso ver, pode ser estendida ao campo das fobias em geral. Dando isto por assente, pretendemos apresentar nossa concepção a respeito da dinâmica das fobias por *ansiedades primárias*, designação esta que, com referência às origens, equivale à de fobias por insuficiência do continente primário.

O presente estudo é o resultado de observações feitas ao longo de alguns anos de análise de pacientes gravemente fóbicos. Tem por propósito ressaltar aquilo que nos parece significativo na dinâmica emocional da classe de fobias que estamos considerando, e deve ser lido dentro de um contexto kleiniano de estudos sobre fobias, onde se destaca o artigo de Segal (1982a). Nossa caracterização do assunto privilegia certos aspectos que tratamos com relevo, a saber: vínculo por fusão, equação simbólica, violência interna e angústias de não-existência e de morte. Apresentamos, também, hipóteses psicanalíticas sobre as origens dessas perturbações e notas quanto à evolução clínica dos pacientes. Dada a limitação de espaço, não podemos apresentar material clínico ilustrativo, o que reservamos para um outro trabalho.

VÍNCULO POR FUSÃO

Surge comumente nos fóbicos o fator central que Bion (1972a) propõe para a distinção entre personalidades psicóticas e não-psicóticas, isto é, a fragmentação do ego e sua expulsão dentro dos objetos e ao seu redor. A relação entre o paciente e as pessoas que lhe são próximas é denominada por um vínculo de tipo primitivo, por fusão. É primitivo porque segue o modelo da relação seio-boca, vivenciada no relacionamento atual. O fóbico necessita contar com a presença física de pessoas a quem afetivamente se liga, que devem estar concretamente presentes a seu lado. Geralmente estas pessoas se tornam objetos dominados por ele. Exerce uma certa tirania sobre o outro,

com a finalidade de perpetuar a fantasia de absorção e encapsulamento na relação com ele (ora absorve algo alheio, encapsulando o outro; ora põe-se no outro, ficando nele encapsulado). Por meio deste sistema, lança-se fantásticamente dentro da pessoa, apossando-se desta, e em seu inconsciente há a forma de um objeto bizarro que não é o paciente nem a outra pessoa. Costumeiramente deparamos com pacientes um tanto despersonalizados: adotam o modo de ser e de pensar alheios, estando confusos quanto a se o que pensam é algo próprio ou não.

Este processo de fusão serve a um propósito de sobrevivência psíquica, evitando o medo de desintegração da personalidade. No entanto, o preço a pagar torna-se excessivamente elevado: o paciente não se sente plenamente separado dos demais. Ao misturar-se com o objeto, quem é quem? A função resultante é a confusão da mútua absorção que pode ser descrita pela metáfora da unidade da boca do bebê envolvida pelo seio e que, também, envolve o seio. O mergulho na fusão implica em perdas consideráveis para a identidade e em detenção do crescimento mental.

EQUAÇÃO SIMBÓLICA ¹

Um dos aspectos marcantes da personalidade fóbrica é sua relação concreta com as pessoas, proveniente do uso de pensamento concreto. Vive emocionalmente, em grande parte, ao nível de sensações físicas de contato com objetos reais. Não pode se desprender destes objetos porque são sentidos como encapsulados em sua personalidade, porque partes do *ego* e do mundo interno estão projetadas nos objetos e porque sua vida depende das sensações que a estimulação física dos mesmos lhe provoca. Se o objeto não está literalmente presente, o paciente deste tipo de fobia sente-se perdido no desespero do caos e do abismo. Sua mente não é capaz, nesses casos, de elaborar o símbolo que evoca o objeto. Se pudesse simbolizar, contaria com a vantagem da representação do objeto, vivenciando o significado no lugar da própria coisa. Mas a simbolização é a frustração da gratificação que o objeto concreto traz. Para simbolizar tem de renunciar à satisfação sensorial e contentar-se com a satisfação da mera representação, passo que não é dado sem muita relutância.

1. Para um aprofundamento do assunto, *vide* Klein (1970), Segal (1982b), Bion (1972a) e Rodrigué (1966). Uma tentativa de resumo foi por nós empreendida (Trinca, 1983, pg. 169).

VIOLÊNCIA INTERNA

O medo à imersão na escuridão do mundo interno e de perder o contato com a realidade faz com que muitos fóbicos realizem rituais. São, precisamente, denominados de rituais contra-fóbicos. Eles existem como medida propiciatória destinada a acalmar a violência dos objetos primários da mente. Esta violência manifesta-se, por exemplo, no medo à multidão. Ao analisar-se este medo, encontra-se a angústia a uma multidão louca que ataca e destrói, de modo cego e descontrolado. São objetos internos e partes do *Self* fragmentados e expelidos na multidão sob a forma de partículas que se enquistam em cada indivíduo e que na introjeção retornam violentíssimas. Cada fragmento contém a destrutividade de um potente objeto inteiro. Não é incomum observar-se no fóbico a projeção dessas partículas dentro do próprio organismo, produzindo hipocondrias e reais danificações nos órgãos do corpo.

Uma das principais funções do *Ego* em condições normais é o domínio dos impulsos destrutivos. A personalidade imatura do fóbico encontra dificuldade de exercer um controle eficaz pelo *Ego*. A violência, então, espalha-se e é projetada em situações externas, sendo a base de claustrofobias e agorafobias. Deste modo, protege-se da violência catastrófica que explode ou implode e que é associada com a morte. A dificuldade desses pacientes consiste, pois, na precariedade da introjeção de um continente primário destinado a dominar as manifestações do instinto de morte.

ANGÚSTIAS DE NÃO-EXISTÊNCIA E DE MORTE

Chegamos neste ponto aos fatores essenciais das fobias que estamos considerando. Ao procurar atendimento, o paciente às vezes percebe que os contornos de seu ser nem sempre são bem definidos. Os pânicos dão-se em função dos medos da loucura e da morte que são experimentados na proximidade de estados de desintegração da personalidade. Ouvimos falar, na análise, de objetos mentais como uma noite perpétua, poços escuros, túneis sem saída, etc. Isto também equivale a estar perdido e rodopiando em infinitos espaços siderais. A angústia é de total ruptura com a realidade. São aspectos de vivência em que o paciente se perde em regiões mentais oceânicas e ilimitadas: não encontra o espaço de seu ser no qual possa estar contido e definições para quem ele é. Espalha-se e volatiliza-se no não-ser e no não-existir próprios dessa noite, desses buracos e espaços sem fim. Não encontra os conteúdos internos dos objetos bons, assim como o continente de si próprio que aloja esses conteúdos.

A mesma coisa pode-se dizer em relação ao tempo. O tempo é, às vezes, sentido como um absoluto estado de paralisação, fechado

em um instante que perdura eternamente. A dificuldade é, de fato, perceber a existência da própria mente como algo real situado no espaço e no tempo. Indica a falha do continente primário em devolver ao indivíduo a noção viva e real de si. Neste sentido não há diferença essencial entre claustrofobias e agorafobias. Ambas as classes de sintomas expressam o medo de uma situação mental em que os controles e limites do Ego se fragmentam e dispersam, tornando-se iminente a ruína das bases do ser. Diante desta angústia, o paciente usa de identificações projetivas patológicas sobre objetos e situações externos, vindo a seguir o uso de identificações introjetivas. Ou seja, introjeta aquilo que projetou, sendo que este mecanismo faz retornar, sob a forma de estímulos externos provocadores de medos, as partículas danosas, originárias de sua mente, que foram investidas no exterior.

Onde quer que se encontre sintomas de fobias por ansiedades primárias, resultam de uma parte da mente do indivíduo que reflete ainda hoje um grande e primitivo desastre: o do bebê que sente que seu chamado não tem ressonância na mãe. Sente-se na plena escuridão de um abismo, sem eco para o seu apelo, um silêncio mortífero.

O psicótico — ou melhor, a parte psicótica da mente — habita regiões que se situam nos antípodas das regiões exteriores que comumente encontramos na maioria dos seres humanos. Fala de seres apavorantes e objetos moribundos: espectros, mortos-vivos, sombras, fantasmas, bruxos, corpos mutilados, túmulos, etc. Uma das funções da análise é trazer à tona esses conteúdos, uma vez que fora da análise a tendência do paciente é expelir os objetos malignos ao invés de pensar seus conteúdos. Ao se trabalhar psicanaliticamente, forma-se a convicção de que a análise das fantasias inconscientes de morte tem a propriedade de auxiliar o indivíduo a estabelecer um domínio consciente cada vez maior sobre a região dos antípodas. Os objetos terroríficos vão perdendo, assim, a sua força destrutiva.

Contudo, o fator primordial na análise dessas fobias consiste no fato de que o paciente vai podendo nomear aquilo que antes era vivenciado como escuridão caótica e sem nome. Discrimina emocionalmente quem ele é e, portanto, dá nomes. Passa do estado de caos em ebulição para o estado de existência de objetos simbolizados e, por conseguinte, depurados de sua primitiva violência. Tremenda violência é, na verdade, estar aprisionado em um caos, sem poder nomear, e no mundo das sensações, sem ter símbolos para as designar.

ORIGEM

Que hipóteses podemos formular a respeito da origem desse tipo de fobias? A psicanálise oferece uma aproximação à compreensão do problema através de sua teoria da relação primária. Por esta

teoria, o bebê desenvolve o mecanismo da identificação projetiva, pelo qual dissocia uma parte dele mesmo projetando-a na mãe e ficando assim empobrecida dessa parte dissociada e projetada. Este mecanismo é usado de modo não-patológico: o bebê espera que a mãe possa receber e conter os produtos que ele lhe envia, tornando-se continente adequado. A esta capacidade da mãe, Bion (1972b) denomina *revêrie*. A utilidade do processo consiste em que, sendo o bebê imaturo, não é capaz de transformar impressões sensoriais em elementos mentalmente utilizáveis, enquanto que o uso de identificações projetivas no contexto de uma relação bem estruturada com a mãe permite à criança receber de volta, de modo suavizado, aquilo que ela enviou, podendo ainda diferenciar entre aquilo que é ou faz parte dela e aquilo que é ou faz parte da mãe, bem como receber a comunicação da mãe com sentido e significado. Bion (1972b) diz que isto é o início do desenvolvimento do pensamento.

Quando, porém, existem falhas na relação primária, não sendo a mãe capaz de funcionar como continente favorável das identificações projetivas, as conseqüências são desastrosas. Uma delas é a dificuldade da criança em lidar com a violência das próprias emoções. Outra é a tendência a permanecer agarrada ao objeto concreto, às impressões sensoriais no nível da equação simbólica, dificultando sua transformação ao nível simbólico. Há, ainda, o estado de "morta-viva" da criança que não recebe de volta o eco de suas mensagens, originando sensações de incomunicabilidade e de não-existência. Finalmente, *last but not least*, um continente primário desfavorável minimiza as oportunidades de a criança ter representações da mãe (ou partes desta), diferenciando-as das representações de si própria, que são as bases da identidade.

EVOLUÇÃO CLÍNICA

Baseados na experiência analítica, podemos afirmar que, para a evolução do paciente fórbico, são fundamentais os seguintes pontos:

- a) a análise das identificações projetivas, que tem o efeito de mitigar a violência das introjeções;
- b) a introjeção do analista como objeto bom, base para a realização da análise;
- c) a aproximação (acompanhada pelo analista) aos núcleos primitivos da personalidade, mantendo em relação a eles uma distância suficiente;
- d) a função de integração e síntese entre os aspectos construtivos e destrutivos da mente;

- e) a conversão de sensações mortíferas e sem nome em pensamentos; e
- f) o domínio crescente na personalidade de um continente próprio para os conteúdos internos.

O trabalho reconstrutivo da psicanálise, nesses casos, é desenvolvido a partir de aspectos fragmentários, indeterminados e caóticos em direção à organização da personalidade, por meio da simbolização. Como o principal problema da personalidade fóbica é não conseguir simbolização naquelas áreas que são dominados pelo pavor, a análise deve cumprir, então, uma função de *revérie*.

ABSTRACT

It has been found that disturbances in the phobic personality, derived from a fault in the relationship with the primary continent, have two basic constants. The first one has to do with the kind of bond established with the objects, which is determined by fusion. Whenever there is a lack of determination of the ego functions, the patient finds himself in a state of indefiniteness towards the continent and towards his own contents, making difficult for him to distinguish between inner and outer worlds. The bond by fusion apparently protects him from the anxiety dissolution and death of the individuality. The second basic constant is, precisely, the anxiety deriving from the absence of a good object widely internalized as continent for itself. This anxiety is responsible for the individual feeling himself permanently on the brink of an abyss and at the mercy of the violence of bizarre objects. In these areas of the mind, instead of definitions, we find emotional indifferenciation and desorganization, comparable to a chaotic primitive universe, subject, at the same time, to high intensity pressures and with no control mechanisms at all. The problem faced by the analyst is how to contribute for the transformation of this primitive universe to a universe where emotions are symbolized.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BION, WR. — Diferenciación de las personalidades psicóticas y no psicóticas. In: ————. *Volviendo a pensar*. Trad. de D.R. Wagner. Buenos Aires, Horme, 1972a, p.64-91.
- . — *Una teoría del pensamiento*. In: ————. *Volviendo a pensar*. Trad. de D.R. Wagner. Buenos Aires, Horme, 1972b, p. 159-164.

- GIMENEZ, M.T. — *Estudo clínico da fobia escolar*. Campinas, 1983. Dissertação (Mestrado). Inst. Psicol. Univ. Campinas. Mimeografado.
- KLEIN, M. — A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego: In: ————. *Contribuições à Psicanálise*. Trad. de M. Maillet. São Paulo, Mestre Jou, 1970, p. 295-313.
- RODRIGUE E. — *La naturaleza y función de los símbolos*. In: RODRIGUE E. et al. — *El contexto del proceso analítico*. Buenos Aires, Paidós, 1966, p. 79-107.
- SEGAL, H. — Mecanismos esquizóides subjacentes à formação de fobias. In: ————. *A obra de Hanna Segal: uma abordagem kleiniano à prática clínica*. Trad. de E. Nick. Rio de Janeiro, Imago, 1982a, p. 197-196.
- . — Notas a respeito da formação de símbolos. In: ————. *A obra de Hanna Segal: uma abordagem kleiniana à prática clínica*. Trad. de E. Nick. Rio de Janeiro, Imago, 1982b, p. 77-98.
- TRINCA, W. — *O pensamento clínico em diagnóstico da personalidade*. Petrópolis, Vozes, 1983.



Carinho, atenção, companheirismo e oportunidade para brincar. Esses são alguns objetivos deste berçário e hotelzinho, que pretende ser antes de mais nada uma oportunidade da casa das crianças atendidas. A finalidade não é a de estabelecer normas educativas ou formação pedagógica, mas sim definir uma programação baseada nas características da criança e em seus interesses, levando-se em conta sua rotina diária.

Com uma equipe composta de psicóloga, enfermeira, pediatra, assistente de enfermagem e recreacionista, o estabelecimento visa a atender crianças de zero a três anos, através de um contato permanente e completo. O horário é bastante flexível: das sete da manhã às sete da noite, de segunda a sexta-feira. Aos sábados e domingos, o berçário também recebe crianças, mediante uma contratação prévia, o mesmo

ocorrendo para período noturno ou permanência de poucas horas. Em regime de hotelzinho são atendidas crianças até seis anos, através de muito lazer e jogos adequados a cada faixa etária.

O regime de hotelzinho tem como principal objetivo proporcionar lazer às crianças enquanto seus pais cumprem compromissos sociais ou mesmo de trabalho. Essa continuidade do lar é extremamente importante para o estabelecimento, que visa a proporcionar um trabalho de assistência integral às crianças.

Pais e crianças estão convidados a conhecer "A Chave do Tamanho", à avenida Moraes Sales, 2098 - Nova Campinas, telefone: 51-2052.